

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA NO LARGO DA MUMADONA (GUIMARÃES).

FAURE, Francisco G. C. Líbano Monteiro

Ano: 2003, 2004 | Número: 113-114

Como citar este documento:

FAURE, Francisco G. C. Líbano Monteiro, Escavação arqueológica no Largo da Mumadona (Guimarães). *Revista de Guimarães*, 113-114 Jan.-Dez. 2003-2004, p. 19-42.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA NO LARGO DA MUMADONA (GUIMARÃES)

*Francisco G. C. Libano Monteiro Faure**

1. Introdução

A realização de sondagens arqueológicas no Largo da Mumadona partiu de uma iniciativa da Câmara Municipal de Guimarães que, desta forma, procurou avaliar, do ponto de vista arqueológico, a viabilidade de construção de um parque de estacionamento subterrâneo.

Por si só, a área de intervenção, localizada a Sul do Paço dos Duques de Bragança e próxima da muralha, justificava uma maior atenção aos vestígios que aí pudessem aparecer. A este factor aliava-se ainda o profundo impacto que o tipo de obra previsto para aquele lugar viria a provocar no subsolo.

O actual Largo da Mumadona é o resultado de um conjunto de obras recentes levadas a cabo pelo município vimaranense no princípio do séc. XX e localiza-se na confluência daquilo que foram a antiga muralha (na zona entre a porta de Santa Cruz e a Torre de Cães) com a Rua de Santa Cruz e a estrada para Fafe.

O projecto do Largo da Mumadona data dos inícios da década 20 do século passado. Desse projecto, faziam parte não só a criação de um largo espaçoso e condicionador do ordenamento territorial local, mas também a construção de um edifício no qual se deveriam instalar os Paços do Concelho e outras repartições públicas.

No que diz respeito ao ordenamento territorial da cidade, foi construído um largo de forma oval, onde confluíam 9 arruamentos. Alguns destes arruamentos correspondiam aos pré-existentes, tendo, nestes casos, recebido beneficiações no que diz respeito às dimensões e ao piso.

* Arqueólogo - Câmara Municipal de Guimarães.

Numa síntese diacrónica, podemos enquadrar os diversos desenvolvimentos desta zona da cidade em 4 momentos:

Até ao séc. XIX - Edificação e destruição, a partir do séc. XVIII, das muralhas em torno da cidade. No caso da área em estudo, a muralha tem um traçado indeterminado. Atendendo aos alinhamentos actualmente existentes, quer na Avenida Alberto Sampaio quer na zona por trás do Castelo e do Paço dos Duques, tudo aponta para que a muralha atravessasse aquilo que actualmente é o largo da Mumadona.

1867 - O Engº Manuel Almeida Ribeiro apresentou à Câmara, a pedido desta, um projecto de melhoramento da cidade. Na área do largo da Mumadona, este projecto previa apenas uma curva ligando aquela que é actualmente a Av. Alberto Sampaio com a estrada de Fafe.

1924 - É apresentado o projecto do Largo da Mumadona, da autoria do Engº Aux. de 1ª Classe António Martins Ferreira, da Câmara Municipal de Guimarães. Este projecto previa a execução do largo, tal como se nos apresenta actualmente, com excepção do edifício do tribunal.

1923-1925 - A Câmara Municipal de Guimarães propõe a construção do edifício dos Paços do Concelho, da autoria do Arquitecto Marques da Silva. Esta obra, geradora de acesa polémica municipal, acabou por nunca ser terminada, ainda que fosse já adiantada a sua edificação.

1950-1960 - Demolição do edifício dos Paços do Concelho, edificação do tribunal e colocação da estátua de Mumadona Dias.

Conforme se pode ver pelo exposto anteriormente, o espaço onde se efectuou a intervenção arqueológica não é um espaço de intensa ocupação até aos princípios do séc. XX. De facto, um dos documentos relacionados com as obras de 1924 refere o tema das expropriações nos seguintes moldes: “As expropriações a fazer são de terrenos onde ainda não há construções, com pequenos cortes de quintais que ainda ficam muito grandes, assentando a praça na sua maior superfície em lavrados, e sendo relativamente insignificantes os movimentos de terras para a terraplanagem”.¹

A ocupação preferencialmente agrícola da zona oriental da cidade, quer falemos da área intra-muros ou da área extra-muros, é já uma constante

¹ AMAP, FMF - P.9.45. Trata-se, neste documento, da memória descritiva datada de 25/07/1924 e assinada pelo Engº Aux. de 1ª Classe António Martins Ferreira.

desde a Idade Média e representa um claro contraste com as restantes áreas da cidade².

Cumpre-nos fazer aqui uma ressalva ao que temos dito até ao momento: não há certezas sobre a localização exacta da porta de Santa Cruz ou da Freiria. E se é um facto que, por vezes, se dá a indicação desta porta como estando localizada em frente à capela que lhe dá o nome, nem a cartografia mais antiga³, nem a bibliografia e muito menos a evidência actual nos podem dar quaisquer certezas sobre o desenvolvimento da muralha e das portas da cidade nesta área. Para além deste facto, as obras efectuadas na área do Paço dos Duques, bem como o remendo na muralha no largo da Mumadona, onde a porta aí existente é de edificação recente, não nos permitem retirar grandes conclusões acerca do traçado da muralha. Torna-se claro, neste caso, que só uma futura intervenção arqueológica poderá, eventualmente, tirar as dúvidas sobre o traçado da muralha e a implantação das torres.

Uma última palavra terá de se prender, obviamente, com o edifício dos Paços do Concelho. Conforme dissemos anteriormente, trata-se de um edifício que pretendia albergar não só os Paços do Concelho propriamente ditos como também outras repartições públicas. Do seu projecto foi encarregue, tal como também já referimos, o Arquitecto Marques da Silva e, segundo as suas palavras, deveria “representar a síntese das tradições históricas da cidade e marcar a sua feição individualista”⁴.

Na verdade, o destino que este edifício veio a ter não se coaduna em nada com o cariz que lhe pretendiam atribuir quer o seu arquitecto quer o seu principal mentor, Mariano Felgueiras. As obras começaram e as paredes chegaram a ser edificadas. No entanto, a conturbada discussão política em torno da sua construção acabou por fazer com que este projecto fosse abandonado e que permanecesse semi-construído naquele espaço durante largos anos.

² Para além de outras informações de especial interesse para o ordenamento da cidade, são especialmente elucidativos deste facto os mapas apresentados por Maria da Conceição Falcão Ferreira (Ferreira, 1989, pp. 59 e 64).

³ Nomeadamente, uma planta da cidade, datável de 1864, existente na Câmara Municipal de Guimarães.

⁴ AMAP, FMF, P.5.150, p. 7.

2. Metodologia

A escavação decorreu sob a direcção técnica e científica do signatário, tendo a equipa de trabalho de campo sido constituída por três arqueólogas, Alexandra Maria Ferreira Vieira, Eliana Susana Miranda de Sousa e Romana Cláudia Bica Nunes e dois operários da Câmara Municipal de Guimarães, os senhores Manuel Pinheiro Mendes e Joaquim Vieira da Cunha.

Os trabalhos de campo tiveram início no dia 5 de Março de 2003 e foram concluídos no dia 25 de Julho de 2003.

Inicialmente, foram abertas 3 valas de 20 X 2 m, as quais se alargaram mais tarde para os 3 metros, com o objectivo de se sondar a maior área possível e ter uma perspectiva mais abrangente do local. A Vala 1 encontrava-se orientada no sentido N - S. A partir da sua extremidade SO, partia a Vala 3 e 7; 50 m a N desta, a Vala 2. Quer a Vala 2, quer a Vala 3 foram divididas em duas, ficando com um comprimento de 9.5 m cada uma. Para além disto, deixou-se uma banquetta de 0.5 m entre as valas 2 A e 3 A e a Vala 1 e uma outra banquetta também de 0.5 m entre as valas 2 A e 2 B e 3 A e 3 B. Mais tarde, devido ao facto de não terem sido encontrados quaisquer vestígios da muralha, foi aberta uma outra sondagem, designada como Vala 4, no lado O do largo e entre as valas 2 B e 3 B. A Vala 4 tinha como medidas 8.0 X 2.0 m.

A escavação das primeiras camadas, formadas pelo empedrado do largo e por entulhos de nivelamento recentes, foi realizada mecanicamente, tendo-se recorrido, para esse fim, a uma máquina retro-escavadora. Os restantes níveis de terra foram escavados manualmente, utilizando picareta, pico e colherim.

Foram desenhados, à escala 1/20, e fotografados os planos de todas as estruturas identificadas, camadas de terra e os perfis estratigráficos. No caso da mina, o levantamento geométrico foi realizado com o apoio do Sr. Vítor Manuel Rodrigues Costa Azevedo, auxiliar técnico de arquitectura e engenharia do Gabinete Técnico Local da Câmara Municipal de Guimarães. O levantamento topográfico foi levado a cabo pelo Sr. Carlos Daniel Gonçalves de Oliveira, topógrafo do Gabinete Técnico Local da Câmara Municipal de Guimarães.

Os materiais recolhidos foram lavados e etiquetados e encontram-se no Gabinete Técnico Local da Câmara Municipal de Guimarães.

3. Estratigrafia e Estruturas

Desejariamos fazer, antes de mais, uma nota à numeração aplicada à estratigrafia. O método de registo estratigráfico utilizado foi o método de Harris e, como tal, apresentamos as Unidades Estratigráficas numeradas sequencialmente. No entanto, dado que o piso empedrado actual e as primeiras camadas de terra que lhe serviam de assentamento e nivelamento foram retiradas com recurso a uma máquina retro-escavadora, quando começámos a escavação manual demos início à numeração das unidades estratigráficas com o número 50. Dado que as operações mecânicas, ainda que acompanhadas presencialmente por um arqueólogo, podem dar origem a uma visão deturpada da estratigrafia, o recurso a esta solução permitiu-nos, depois de uma leitura mais atenta dos perfis, dar uma numeração sequencial mais consentânea com a realidade.

A estratigrafia identificada na escavação do largo da Mumadona é a seguinte.

UE [0] - Empedrado de pequenos calhaus quartzíticos e basálticos.

UE [1] - Camada acinzentada, fina, de areias de grão médio misturadas com cimento. Nalgumas zonas, o cimento apresentava-se bastante compacto.

UE [2] - Camada de terra saibrenta, de coloração amarelada.

UE [3] - Camada de terra muito escura, com carvões, muitos fragmentos de lousa, provavelmente usada na construção.

UE [3A] - Camada de terra saibrenta, de coloração muito amarelada, com vestígios de cal.

UE [4] - Camada de terra de coloração castanha, com muitos calhaus graníticos de tamanho variado, materiais de construção recentes, nomeadamente fragmentos de tijolo e telha Marselha e pedaços de ferro muito oxidados.

UE [5] - Saibro de construção com terra castanha clara misturada e apresentando muito entulho de obra (tijolo e telha recentes), ferros muito oxidados e fragmentos de louça vidrada e faiança recentes.

UE [6] - Camada de terra argilosa, compacta e muito homogénea, com alguns calhaus graníticos de tamanho médio.

UE [7] - Camada de terra de coloração castanha, relativamente compacta e muito homogénea.

UE [8] - Camada de terra de coloração castanha acinzentada, desagregada e muito heterogénea, com muitos calhaus graníticos de tamanho diverso, fragmentos de ferro bastante oxidados, pedaços de sola, garrafas de vidro recentes e telha e tijolo também bastante recentes.

UE [9] - Camada de terra de coloração a tender para o amarelado, com materiais de construção recentes, saibro geológico e de construção. Compacta e relativamente homogénea.

UE [10] - Camada de terra de coloração castanha acinzentada, desagregada e muito heterogénea, com muitos calhaus graníticos de tamanho diverso, fragmentos de ferro bastante oxidados, pedaços de sola, garrafas de vidro recentes e telha e tijolo também bastante recentes.

UE [11] - Camada de terra saibrenta, de coloração amarelada, muito heterogénea e desagregada, com calhaus graníticos de tamanho variado.

UE [12] - Camada de terra muito fina, de coloração castanha clara, relativamente desagregada e homogénea.

UE [13] - Camada de terra de coloração castanha clara, relativamente compacta e heterogénea, com alguns calhaus graníticos de tamanho pequeno a médio.

UE [14] - Camada de terra de coloração castanha amarelada, com alguns calhaus graníticos de tamanho pequeno, relativamente compacta e homogénea.

UE [15] - Camada de terra castanha, com aspecto húmido, compacta e homogénea.

UE [16] - Camada de terra de coloração castanha clara, quase amarelada, desagregada e homogénea, com alguns, raros, calhaus graníticos de tamanho grande.

UE [17] - Camada de terra castanha, compacta e homogénea.

UE [18] - Camada de terra de coloração castanha amarelada, muito heterogénea e desagregada, com calhaus graníticos de tamanho pequeno a médio.

UE [19] - Camada desagregada e heterogénea, formada por um aglomerado de calhaus graníticos de tamanho variado e areias de tamanhos também diversos que lhe conferem uma coloração castanha amarelada.

UE [20] - Camada de coloração castanha, relativamente homogénea e desagregada, com alguns calhaus graníticos de tamanho pequeno e saibro geológico à mistura.

UE [50] - Camada de terra de coloração castanha média, heterogénea e desagregada, com calhaus graníticos de média dimensão.

UE [51] - Camada de terra de coloração castanha clara, homogénea e compacta, com materiais de construção recentes.

UE [52] - Buraco aberto no saibro geológico, cheio pela UE[52].

UE [53] - Camada de carvões e algumas areias, muito homogénea e desagregada.

UE [54] - Camada de terra de coloração castanha clara, homogénea, desagregada, com calhaus graníticos de tamanho médio e materiais de construção recentes.

UE [55] - Vala com orientação no sentido N - S, localizada na vala 2 A, a E da conduta.

UE [56] - Camada de terra de coloração castanha, heterogénea, desagregada, com calhaus graníticos de tamanho grande.

UE [57] - Camada de terra de coloração acastanhada com mistura de saibro geológico, calhaus graníticos e areias.

UE [58] - Camada de terra de coloração acinzentada, desagregada e heterogénea, com areias e calhaus graníticos de tamanho pequeno. Não foi completamente escavada por colocar em risco de ruína o poço que dava acesso à mina (UE [78]).

UE [59] - Camada de terra relativamente homogénea e desagregada, de coloração castanha média, com alguns, poucos, calhaus graníticos de tamanho médio.

UE [60] - Pedras graníticas de tamanho grande, das quais apenas uma se encontrava relativamente aparelhada, colocadas horizontalmente sobre a

sua face mais plana sobre a entrada da mina (UE [78]), servindo, desta forma, de tampa do poço que lhe dava acesso.

UE [61] - Muro 1. Formado por pedras graníticas não aparelhadas e unidas com argamassa. A sua largura máxima é de 1.40m e desenvolvia-se, na área N da Vala 1, no sentido NO - SE.

UE [62] - Muro 2. Era constituído por pedras graníticas de tamanho médio e grande, não aparelhadas, e unidas com cimento e argamassa de argila. A sua largura máxima é de 1.20m, desenvolvia-se a S e paralelamente ao Muro 1 e estava adossado ao Muro 3.

UE [62A] - Muro 4. Formado por pedras graníticas de tamanho médio, não aparelhadas e unidas com barro. Desenvolvia-se paralelamente aos Muros 1 e 2, a S deste. Estava adossado, no topo, ao Muro 3 mas na sua base as pedras dos dois muros cruzavam-se.

UE [63] - Muro 5. Muro de pedras graníticas não aparelhadas, unidas por argamassa de argila e cimento. No topo encontravam-se vestígios de piche, usado provavelmente como impermeabilizante. Desenvolvia-se paralelamente aos Muros 1, 2 e 4 e a S destes. Cruzava-se com o Muro 3.

UE [64] - Muro 6. Muro de pedras graníticas não aparelhadas, unidas com argamassa argilosa. O seu topo encontrava-se coberto com piche, usado para impermeabilização. Desenvolvia-se a S e paralelamente ao Muro 4.

UE [65] - Camada de terra de cor castanha carregada, compacta e homogénea, com alguns calhaus graníticos de tamanho pequeno a médio.

UE [66] - Camada de terra de coloração castanha, muito heterogénea e compacta, com areão e saibro geológico.

UE [67] - Vala aberta para implantação do Muro2 (UE [62]), desenvolvendo-se a N deste.

UE [68] - Camada de argila amarelada, compacta e homogénea, semelhante à que unia o Muro 5.

UE [69] - Camada de terra de coloração castanha, compacta e muito homogénea, com alguns, raros, calhaus graníticos de tamanho pequeno a médio e areias de tamanho diverso.

UE [70] - Vala para implantação do Muro 1, desenvolvendo-se a S deste.

UE [71] - Camada de terra de coloração castanha, com saibro geológico, calhaus graníticos de tamanho pequeno e médio e cerâmica de construção muito rolada.

UE [72] - Camada heterogénea e desagregada, constituída por terra muito arenosa, de cor castanha clara, com muitos calhaus graníticos de tamanho médio e alguns grandes.

UE [73] - Camada de saibro amarelado, ainda que se apresente um pouco acastanhado no topo. Sem materiais, saibro geológico. Vala 1.

EU [74] - Camada de terra saibrenta, de coloração castanha/amarelada, com alguns calhaus graníticos de tamanho pequeno.

UE [74] - Camada de terra compacta e muito homogénea, de coloração castanha, com alguma areia mais grossa à mistura.

UE [75] - Muro 3. Muro de pedras graníticas não aparelhadas, e unidas com argila de coloração amarelada, com uma largura máxima de cerca de 2.05m. Desenvolvia-se no sentido NO - SO e perpendicularmente aos muros 1,2,3,4 e 5.

UE [76] - Camada de terra acastanhada, por vezes com saibro geológico misturado, apresentando fragmentos cerâmicos recentes. Corresponde ao enchimento da vala de implantação da UE [75] no seu lado O.

UE [77] - Camada de terra castanha muito homogénea, com algumas areias finas e médias. Corresponde ao enchimento da vala de implantação da UE [78].

UE [78] - Mina. Estrutura de paredes irregulares, formadas com pedras de maiores ou menores dimensões e rejuntadas com argila. O tecto é formado por pedras também irregulares. A sua altura média é de 1.40 m e a largura de 0.60 m. Pelo chão foram colocadas pedras formando uma caleira com cerca de 1.70 m de comprimento e largura máxima de cerca de 30 cm. A caleira, ou calha, tem uma largura média de cerca de 9.5 cm e uma profundidade média de 3 cm. A distância máxima por nós percorrida foi de cerca de 140 m, encontrando-se a mina em situação de ruína quer a N quer a S.

UE [79] - Vala de implantação da Mina(UE [78]).

UE [80] - Camada de terra de coloração acinzentada, muito heterogénea e compacta, sem materiais arqueológicos.

UE [82] - Camada de terra de coloração castanha, com muitos calhaus graníticos de tamanho pequeno a médio à mistura e materiais de construção muito recentes.

UE [83] - Camada de terra de coloração acastanhada, desagregada e heterogénea, com alguns calhaus graníticos de tamanho pequeno e areias de tamanhos diversos. Na base, apresenta uma coloração mais escura do que no topo.

UE [84] - Muro 7. Parte do alicerce do edifício dos paços do concelho, este muro desenvolvia-se no sentido NO - SE, localizando-se na Vala 3A. Era formado por silhares graníticos, por vezes de forma regular, e apresentava-se coberto, nalguns pontos, por manchas de alcatrão.

UE [85] - Muro 8. Muro que fazia parte dos alicerces do edifício dos paços do concelho. Localizava-se na Vala 3A e dele só apareceram vestígios no seu lado S. A sua orientação deverá ser NO - SE. Era formado, no topo, por blocos graníticos de forma rectangular.

UE [86] - Muro 9. Parte dos alicerces do edifício dos paços do concelho. Formado por blocos graníticos de forma rectangular, encontrava-se coberto, nalgumas zonas da sua área superior, por manchas de alcatrão.

UE [87] - Muro 10. Muro do alicerce do edifício dos paços do concelho, continuação, na Vala 3B do Muro 9.

UE [88] - Igual à UE [87].

UE [89] - Muro 12. Pequeno muro, fazendo parte dos alicerces dos antigos paços do concelho, localizado na Vala 3B, e com orientação SE - NO. Trata-se de um murete de pequena largura, formado por blocos graníticos de forma rectangular.

UE [90] - Condução de águas residuais formada por blocos graníticos bem aparelhados no interior mas com uma disposição mais irregular no exterior. A sua altura é superior a 1.0 m, ainda que, devido ao assoreamento gerado pela falta de limpeza, apresente apenas esta altura nos pontos de melhor acesso. Lajes graníticas, apenas desbastadas fazem a sua cobertura.

UE [91] - Muro 13. Pequeno muro localizado na área NO da Vala 3B, com orientação no sentido SE - NO, encontrando-se com o Muro 12 UE [89]. Trata-se de um muro de pequenas dimensões, formado por silhares graníticos de forma rectangular.

UE [92] - Muro 14. Pequeno muro localizado na área NO da Vala 4. A sua orientação faz-se no sentido SO - NE e, pela orientação, poderá ligar-se ao Muro 15, UE [93], na Vala 2B. Trata-se de um muro de pequenas dimensões e feito com pedras graníticas de formato irregular, devendo pertencer ao alicerce de alguma parede não estrutural do edifício dos paços do concelho.

UE [93] - Muro 15. Localizado a Sul da sondagem 2B, a sua orientação é, sensivelmente SO - NE e estava coberto por uma camada de argamassa de coloração amarelada, não permitindo, dessa forma, que se identificassem as pedras que o constituíam.

UE [94] - Estrutura de pedras não aparelhadas e sobrepostas de forma descuidada, protegendo um tubo de cimento de escoamento de águas pluviais e que desagua na UE [90].

4. Interpretação

4.1. Estruturas

Podemos dividir em 3 os conjuntos de estruturas identificados durante a escavação.

Em primeiro lugar, encontram-se os alicerces do edifício dos Paços do Concelho. São, em geral, alicerces muito fortes, mas sem apresentar grande preocupação de aparelhamento das pedras. A única excepção a este facto encontra-se na UE [86], na qual se nota um cuidado superior no trabalho da parede, apresentando-se lisa no seu alçado E. Este conjunto de estruturas caracteriza-se ainda pela existência de vestígios de piche. O piche era usado, na construção com o fim de eliminar as infiltrações de água nas paredes.

As valas abertas para a implantação deste conjunto de alicerces são pouco largas. Este processo, contrário ao que mais usualmente se pode evidenciar na abertura de caboucos, é perfeitamente constatável nos desenhos dos perfis das sondagens.

A confrontação da planta de projecto do edifício dos Paços do Concelho existente no Arquivo Municipal Alfredo Pimenta com a área por nós escavada coincide, conforme é possível ver na planta 9, com a parte N daquele edifício.

O segundo conjunto de estruturas que identificámos, o cano rateiro, ou UE [90], é formado por pedras aparelhadas apenas no seu interior. Este cano faz uma curva pronunciada, conforme pudemos verificar enquanto o percorremos interiormente, tendo uma orientação NE-SO na sua zona N e uma orientação NO-SE na sua zona S. Praticamente na esquina e, portanto, a meio da área por nós intervencionada, é possível ver o tubo em cimento que serve de escoamento de águas residuais, orientando-se no sentido NO-SE e que desemboca na estrutura mais antiga.

Não foi possível identificar, através da escavação, uma datação provável para esta estrutura. O cano rateiro, como é conhecido em Guimarães este tipo de estrutura, pode fazer parte de algo que estava previsto no “caderno de encargos” para a edificação dos Paços do Concelho. Nele pode ler-se: “O aqueduto ou cano colector terá a secção de 0,80 X 0,60, será construído de alvenaria e os pés direitos deverão ter a altura de 0,80 X 0,50 de espessura; o capeado terá a largura de 1,20 para sobrepor 0,20 sobre os pés direitos e terá uma espessura nunca inferior a 0,25. O soleiramento será construído de pedras inteiras com 0,20 de espessura e largura igual às do capeado. Os canos transversais terão a secção de 0,40 X 0,40.”⁵

Se aquela que consideramos UE [90] se poderá incluir nestas estruturas, não o podemos dizer com toda a certeza, até porque as medidas mencionadas na documentação não coincidem com as que se nos apresentam. No entanto, recordando o facto de estarmos numa área de Guimarães com uma ocupação humana praticamente nula, onde a inexistência de arruamentos torna, até certo ponto, incompreensível este tipo de estruturas, leva-nos a acreditar que estamos perante mais uma estrutura afecta ao projecto dos Paços do Concelho e que, por qualquer razão, sofreu alterações às medidas inicialmente propostas.

Finalmente, a terceira estrutura: a mina. Trata-se, conforme mencionado, de uma passagem subterrânea profunda, com uma calha central que permite o escoamento da água. É-nos difícil dizer qual a funcionalidade desta estrutura. A calha para escoamento da água pode ou não ser suficiente para

um abastecimento de água. No entanto, se este escoamento não servir para um correcto abastecimento de água à cidade, ela poderá servir apenas como eliminação de águas residuais que escorram dentro da passagem.

Uma estrutura semelhante a esta foi já identificada em Guimarães, tendo sido publicada por Barroso da Fonte⁶. Segundo este autor, estamos, sem dúvida, perante um dos túneis relacionados com o castelo e referenciados por Alexandre Herculano na sua obra “O Bobo”. É um facto que há diversas referências a túneis em castelos e que estudos recentes em França permitem a conclusão, com frequência, da existência de uma malha defensiva subterrânea praticamente inexpugnável. Todavia, no caso presente, tendemos para a presença de uma mina de abastecimento de água da cidade que, vinda da zona do Paço dos Duques, seguiria ao longo das muralhas actualmente visíveis ao longo da Av. Alberto Sampaio.

4.2. Materiais

São pouco significativos, do ponto de vista cronológico, os materiais exumados durante a escavação, já que os que aparecem com mais frequência são produções bastante recentes.

Os conjuntos mais significativos identificados são os de faianças e porcelanas dos finais do séc. XIX e do séc. XX. São peças que apresentam frequentemente fracturas vivas, não roladas e pouco desgaste dos engobes. Encontraram-se principalmente nos estratos que relacionamos com a destruição dos Paços do Concelho, sendo muito menos frequentes nos estratos ligados à sua construção. Também destacamos, neste conjunto de peças, os vidrados vermelhos apresentando, por vezes, decoração amarela.

Os materiais das UE's [50] e [51], assim como os da UE [10], por exemplo, encontram-se em entulheiras recentes, com muitos fragmentos de ferro, plásticos, sacos, etc. Trata-se, podemos dizer com alguma certeza, de entulhos que aí foram colocados após a destruição do edifício dos Paços do Concelho, com o fim de nivelar o solo para a actual Praça da Mumadona.

As cerâmicas de construção estão também presentes. Destas, as telhas e o tijolo são os mais frequentes. Se, para o tijolo, uma datação correcta é

⁵ AMAP - FMF. P.9.44. “Descrição”, 25/07/1924.

⁶ Fonte (2000), pp 63-65.

sempre difícil devido à perpetuação a longo prazo de algumas formas, já para as telhas, dado que as que em maior quantidade se encontram são do tipo “telha marselha”, podemos datá-las com mais precisão na segunda metade do séc. XX. No conjunto total dos materiais cerâmicos de construção destacamos um fragmento de tegula, o qual, devido ao facto de se encontrar na UE [52], terá de se considerar como estando completamente descontextualizado.

Finalmente, o estrato arqueológico que mais informações nos poderia dar, a UE [77] apresentava apenas fragmentos informes de cerâmica vermelha. Neste sentido, é-nos impossível fazer uma datação da edificação do túnel (UE [78]), com base nos materiais exumados no único contexto aparentemente não contaminado.

5. Conclusões

Três fases distintas de ocupação foram identificadas durante as escavações no Largo da Mumadona:

1. Edificação da Mina de Água para abastecimento da zona Sul da cidade de Guimarães;
2. Construção do edifício destinado a albergar os Paços do Concelho.
3. Destruição do edifício dos Paços do Concelho e arranjo urbanístico do largo, tal como se apresenta actualmente.

Apenas possuímos dados concretos para as duas últimas fases. Os investigadores que se têm dedicado ao estudo de Guimarães não nos informam sobre datas para a edificação da mina. Sabemos que houve disposições várias, nomeadamente depois do séc. XVI, para a renovação do abastecimento de água à cidade. Contudo, não temos informações concretas sobre a data de construção desta estrutura.

Não cremos que a mina, ao contrário do que aparentava inicialmente, se relacione com os pretensos túneis do castelo, mas mais directamente com as minas que canalizavam a água da Serra de Sta Catarina para a cidade. Esta nossa opinião baseia-se no caudal da calha central do túnel, caudal esse que, no máximo, transportará 0,00235 m³/s. Se inicialmente colocámos a hipótese de se tratar de um simples canal que evacuasse as águas

que se infiltravam pelas paredes e tecto, constatamos, no entanto, que, mesmo em pleno Verão e apesar dos derrubes que se verificaram a N, a água corre aí constantemente, mantendo-se este quase sempre a meio caudal. Analisado o caudal máximo do canal, vemos que ele permite a passagem de água numa quantidade bastante superior à que seria necessária, caso se tratasse apenas de uma simples evacuação de água.

Estamos em crer que esta mina será uma ramificação do sistema geral de abastecimento à cidade que, vindo pela R. do Cano de Cima (actual R. de D. Mafalda), seguiria sempre para Sul em direcção ao Campo da Feira. Dado que o troço por nós estudado é bastante reduzido, fazemos estas conjecturas apenas baseados no alinhamento que conseguimos traçar.

O Abade de Tagilde (Guimarães 1903a e 1903b) refere que a fonte dos Passarinhos, localizada no terreiro de S. Francisco, era abastecida pelas águas da serra de Sta Catarina. O mesmo autor diz, ainda, que a fonte da R. de Couros, que já havia sofrido obras de reforma em 1668, era “abastecida por água da serra extrahida do encanamento parcial que conduz a água para a fonte dos Passarinhos”⁷. Se estas fontes são abastecidas por águas da Penha, é possível que o sistema de condução de águas que as abastecia não viesse pelo encanamento geral, isto é, da Oliveira, mas sim que tivessem uma mina específica. Poderíamos, então, estar perante essa mina. Porém, mais uma vez, baseamo-nos apenas em especulações.

A ausência de quaisquer outras estruturas, nomeadamente edifícios de habitação, está de acordo com o facto de os terrenos onde se encontra o Largo da Mumadona terem sido usados como terrenos de cultivo até aos inícios do séc. XX.

Uma última nota deve ser feita face à ausência de vestígios da Muralha. Analisando a cartografia, seria evidente que a muralha passasse na área escavada. No entanto, nenhum vestígio dos seus alicerces apareceu. Esta circunstância poderá dever-se ao facto de a muralha fazer, naquela zona, uma ligeira inflexão. De facto, na zona do Paço dos Duques de Bragança, nota-se uma curva da muralha em direcção SO o que poderá justificar a inexistência de vestígios na área onde a intervenção teve lugar.

Em 1957, Mário Cardoso previa as dificuldades com que hoje nos deparamos. A respeito das obras de aterro e destruição da muralha, com vista à

⁷ Guimarães (1903b), p. 83.

criação da R. Condestável Nun'Álvares, e da sua “recriação”, inlectindo para Oeste e colocando aí uma porta, nas traseiras da Câmara, escrevia o arqueólogo vimaranense: “Tudo isto servirá de quebra-cabeças a futuros investigadores que um dia se preocupem em reconstruir teoricamente o velho traçado da muralha!” (Cardoso, 1957, p. 208) É um facto!

6. Fontes e Bibliografia

Fontes

Arquivo Municipal Alfredo Pimenta
Fundo Mariano Felgueiras - P.5.149.
Fundo Mariano Felgueiras - P.5.150.
Fundo Mariano Felgueiras - P.9.44.
Fundo Mariano Felgueiras - P.9.45.

Bibliografia

AZEVEDO, Torquato Peixoto de (2000). Memórias Ressuscitadas da Antiga Guimarães. Guimarães, Ed. Paulo Tiago Martins Dias de Castro, 2ª edição.

BRAGA, Alberto Vieira (1959). Curiosidades de Guimarães. XVIII Ruas. Casas. Muralhas. Torres. Obras. Décimas Camarárias. Direitos Parquiais. Separata da Revista de Guimarães. Guimarães, [s.n.].

BRAGA, Alberto Vieira (1992). Administração Seiscentista do Município Vimaranense. Guimarães, Câmara Municipal de Guimarães.

CALDAS, António José Ferreira (1996). Guimarães, Apontamentos para a sua história. Guimarães, Câmara Municipal de Guimarães e Sociedade Martins Sarmento.

CARDOSO, Mário (1957). A Propósito das Antigas Muralhas de Guimarães. Revista de Guimarães, 67, pp. 207-214.

CHOFFAT, Paul (1904). Relatório Hidro-geológico sobre o Abastecimento d'Água da Cidade de Guimarães. Revista de Guimarães, 21(3-4), Jul-Dez, pp. 138 - 167.

- GUIMARÃES, João Gomes d'Oliveira (1903a). Apontamentos para a História de Guimarães. Abastecimento de Águas Potáveis. Revista de Guimarães, 20(1), Jan-Mar, pp. 26 - 50.
- GUIMARÃES, João Gomes d'Oliveira (1903b). Apontamentos para a História de Guimarães. Abastecimento de Águas Potáveis. Revista de Guimarães, 20(2), Abr-Jun, pp. 71 - 85.
- GUIMARÃES, João Gomes d'Oliveira (1903c). Apontamentos para a História de Guimarães. Abastecimento de Águas Potáveis. Revista de Guimarães, 20(3-4), Jul-Dez, pp. 128 - 147.
- GUIMARÃES, João Gomes d'Oliveira (1904a). Apontamentos para a História de Guimarães. Abastecimento de Águas Potáveis. Revista de Guimarães, 21(1), Jan-Mar, pp. 35 - 37.
- GUIMARÃES, João Gomes d'Oliveira (1904b). Apontamentos para a História de Guimarães. Abastecimento de Águas Potáveis. Revista de Guimarães, 21(2), Abr-Jun, pp. 64 - 76.
- GUIMARÃES, João Gomes d'Oliveira (1904c). Apontamentos para a História de Guimarães. Abastecimento de Águas Potáveis. Revista de Guimarães, 21(3-4), Jul-Dez, pp. 131 - 138.
- GUIMARÃES, João Gomes d'Oliveira (1905). Apontamentos para a História de Guimarães. Abastecimento de Águas Potáveis. Revista de Guimarães, 22 (1-2), Jan-Jun, pp. 57 - 62.
- FERREIRA, Maria da Conceição Falcão (1989). Uma Rua de Elite na Guimarães Medieval (1376-1520). Guimarães, Câmara Municipal de Guimarães, com a colaboração da Sociedade Martins Sarmento.
- FONTE, Barroso da (1993). Paço dos Duques de Bragança. Lisboa - Mafra, ELO, Publicidade e Artes Gráficas, Limitada.
- FONTE, Barroso da (2000). O Castelo de Guimarães. Guimarães, Cidade Berço.



Foto 1 -Vala 1, após a conclusão dos trabalhos



Foto 2 - Vala 2 A, após a conclusão dos trabalhos

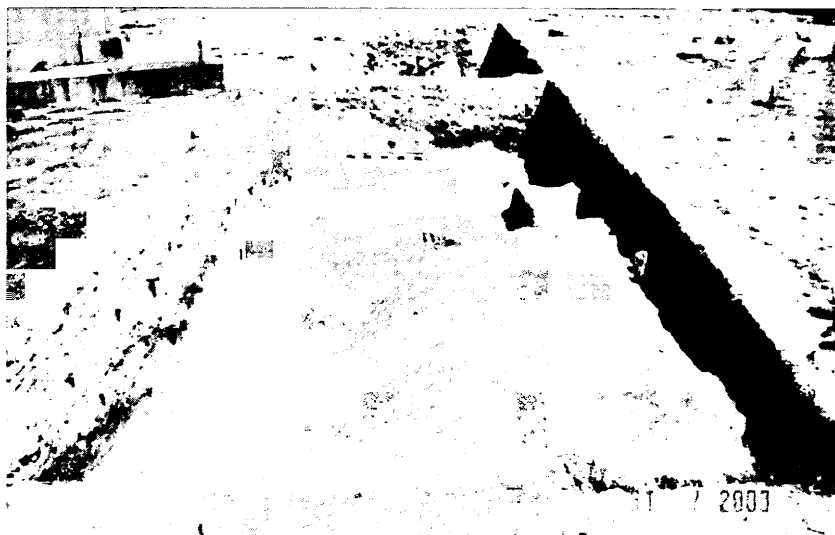


Foto 3 - Vala 2 B, após a conclusão dos trabalhos



Foto 4 - Vala 3 A, após a conclusão dos trabalhos



Foto 5 -Vala 3 B, após a conclusão dos trabalhos

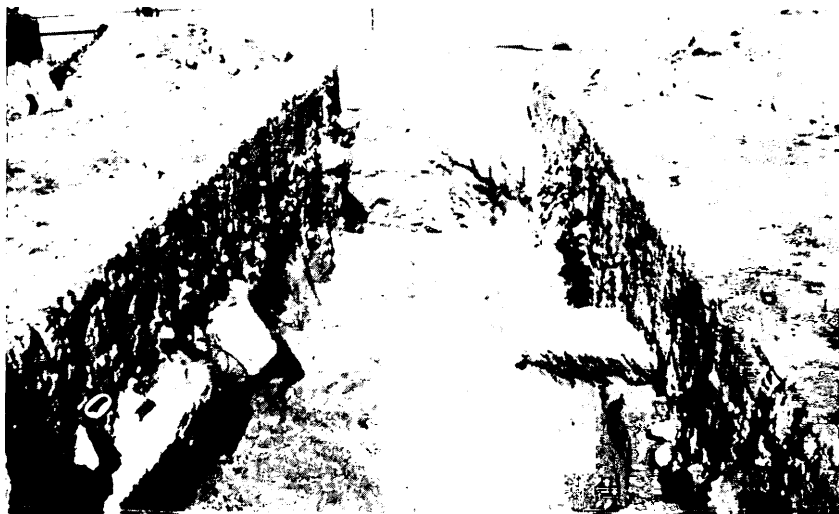


Foto 6 - Aspecto da Vala 4, após a conclusão dos trabalhos



Foto 7 - Aspecto do interior da Mina



Foto 8 - Caixa de decantação de areias transportadas pela água

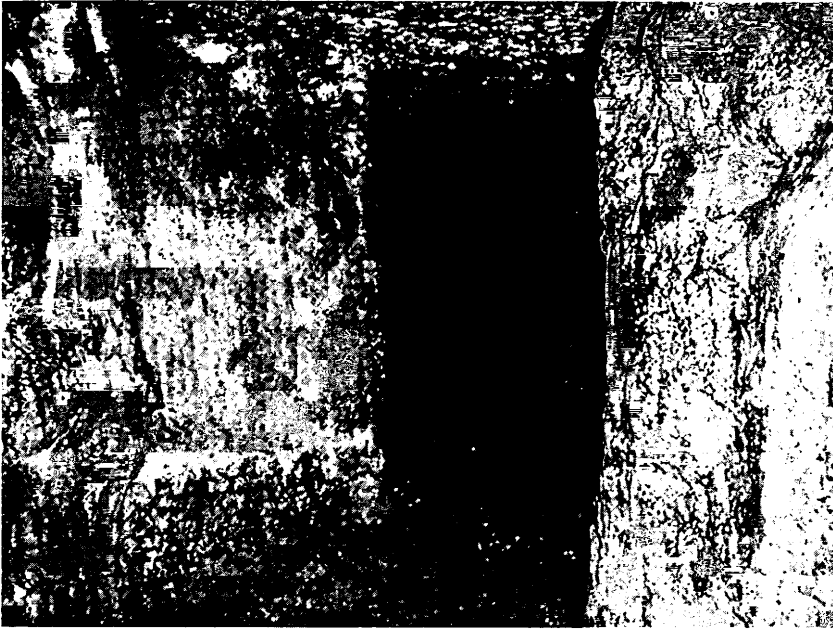


Foto 9 - Curva na Mina

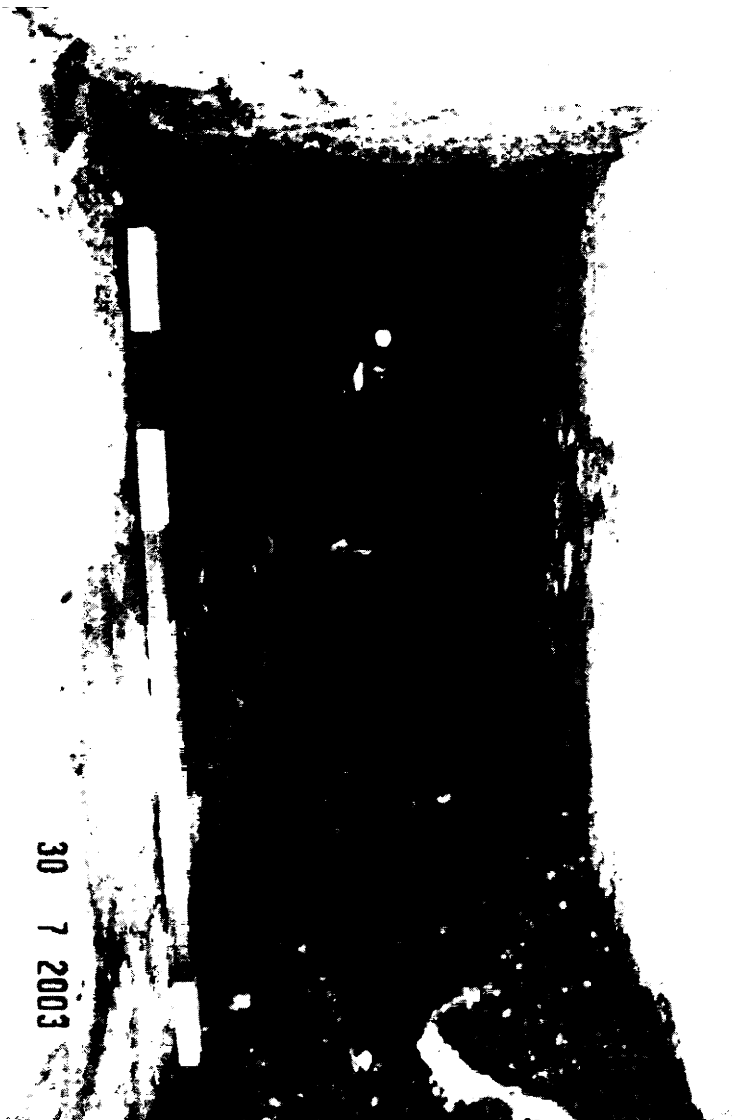


Foto 10 - Aspecto da estrutura de escoamento de águas, cano rateiro (UE [90])